

A INSUSTENTÁVEL INDIFERENÇA DO SER

Isaura Maria Ribeiro Bonavita I Pedagoga pela Universidade Ibirapuera – UNIB, pós-graduada em Museografia e Patrimônio Cultural pelo Centro Universitário Claretiano. Email: isahbonavita@gmail.com

O dia desponta.

Em seu despontar, sua claridade ilumina cada ser.

Por todos os cantos, a luz do dia, em sua infinita bondade, ilumina e desperta os seres adormecidos.

Nossos olhos não veem, mas desde pequena erva no canto da rua, ao homem em seus leitos, todos são iluminados e nesse momento espreguiçam gostosamente.

Cada morada uma verdade.

Café cheiroso, pão na chapa.

Liberta as cobertas,

banho que desperta,

retrato do dia a começar.

Pássaros cantam, borboletas voam, as flores úmidas de orvalho pingam gotículas de frescor.

A brisa da manhã beija a natureza e os seres que nela habitam.

Em cantos e recantos a lida se anuncia.

Travestidos de terno e gravata, maquiagem, salto alto, roupa branca ou qualquer uma que estava à mão ao levantar, todos partem sem pensar.

Caminhos se abrem, portas se fecham e o dia começa a cantar a sua melodia sem par.

Nos terminais, os encontros.

São executivos bem vestidos, jovens secretárias a despontar, estudantes com seus sonhos a carregar, senhoras protagonistas da limpeza, gente a passear, mães e pais carregando seus rebentos, uma diversidade de vida, olhares que fazem pensar.

O tempo passa nas rodas dos ônibus, no correr dos trilhos, no amargo da terra. Entre sons de avisos, surgem ao longe assobios, o cantar do rap, o gritar do vendedor de fones de ouvido, carteiras de couro vintage e um mundo se descortina a quem quiser olhar.

São meninas vestidas à espera do Sol quente, que me transportam a uma cidade praiana e jovens de botas, capuz a cobrir o rosto em pesados abrigos que me fazem esperar encontrar neve lá fora. Cabelos de todos os matizes, de todos os enfeites entre cabeças raspadas, cortes Chanel e tranças longas, nunca aparadas.

Em meio à diversidade, esta São Paulo multifacetada deixa evidente a busca da identidade, a vontade de ser única entre únicos, de gritar ancestralidade, de mostrar a genialidade de ser diferente entre tantos iguais.

Segue o dia. O tempo se vai na cadência das horas marcadas no ritmo dos teclados, no barulho de talheres, nos passos apressados.

A volta à morada se faz presente. Nos caminhos iluminados pelo entardecer, mil rostos, mil olhares, aroma de Dior entrecortado pelo cheiro de suor, de shampoo barato, das fragrâncias únicas dos corpos cansados da lida, da corrida, de todo o viver de um dia.

A gravata jaz nas mãos, o encaracolado dos cachos está desfeito, o efeito da chapinha já vai se perdendo, o batom perdeu o contorno e o corpo cansado vaga, sem ver, sem sentir, sem se importar. Só uma verdade é comum, todos querem para casa voltar.

No ar os aromas se multiplicam pela gastronomia que anuncia,

o pão de queijo,

a carne na chapa,

o açaí gelado,

a batata palha,

o milho cozido,

a coxinha fria,

o café requentado.

Olhos famintos espreitam a quem nas filas da gastronomia espera os petiscos desejados. Olhos que imploram, alcoolizados, drogados ou simplesmente cheios de apetite e sem um tostão para se satisfazer.

A tarde caminha, na cadência dos trilhos, nas luzes dos sinais, nos passos apressados da gente que se vai.

Entre as cores do esvanecer do dia, da paleta divina, fica a mescla da imagem jovem, vestido de preto, ali no meio do vai e vem da estação Tietê a tocar em seu violino, a quinta sinfonia de Beethoven. Ali, todo engalanado, como se em meio à orquestra estivesse. Olhos fechados, mãos rápidas sobre as cordas, e a bela melodia o envolvendo.

Interpreta com paixão, com corpo e alma, mas ninguém o vê, ninguém o aplaude, ninguém escuta a bela sinfonia.

É a insustentável indiferença do ser, frente à beleza, frente a um dia de vida, de lida, nesta São Paulo infinita.